

CARLEY FORTUNE

Autora bestseller de *Cada Verão Passado*

No Meio da Tormenta



TOP
SEL
LER

*Para todas as raparigas corajosas e mulheres audazes.
E para as pessoas que as amam sem restrições.*

«Não tenho medo das tormentas,
porque estou a aprender a navegar no meu navio.»

Louisa May Alcott, *Mulherzinhas*

Prólogo

Aos 8 anos

Conheci o George Saint James no dia em que a minha mãe desapareceu.

Na noite anterior, tinha adormecido da maneira habitual, com o desejo de que algo extraordinário acontecesse. Aos 8 anos de idade, de uma coisa eu tinha a certeza: estava fadada para grandes aventuras.

De manhã, uma chuvada de primavera atacou o que restava da neve, libertando rebentos de croco brancos e púrpura dos seus canteiros de gelo. Eu e os meus irmãos mais velhos ajoelhámo-nos à janela a observar os sulcos de pneus a encherem-se de lágrimas que caíam do céu. Faltava ali a carrinha da nossa mãe.

O nosso pai mal falou quando o fomos acordar, mas, enquanto dava golinhos na sua primeira chávena de café, disse-nos que a nossa mãe tinha ido para casa. Só o Darwin, com 12 anos, pareceu compreender o que isso significava. O Moby tinha 10 anos, e dava para ver que estava tão confuso como eu.

A nossa casa era *esta*. Não era a casa dela?

O meu pai não sabia dizer quanto tempo a minha mãe iria estar fora, mas garantiu-nos que ela haveria de regressar, e não nos restou outra hipótese senão acreditar nele.

Assim que a chuva acalmou para uns chuviscos, fomos mandados para a rua. Sem a minha mãe para me desemaranhar pacientemente os nós, o meu cabelo parecia um ninho de ratos. Eu ainda estava em camisa de noite, mas o Darwin assegurou-se de que eu calçava as galochas e vestia um impermeável amarelo. O Moby foi buscar a bola de basquete.

Eu queria jogar, mas os meus irmãos não me passavam a bola. *Nunca* me passavam a bola. Eu gritei e bati o pé nas poças de água, mas eles continuaram a lançar a bola por cima da minha cabeça. Já farta daquilo, agarrei no camaroeiro verde que estava no vestíbulo e fui tentar capturar uma criatura na densa vegetação à beira do campo. Uma minhoca, um gafanhoto, talvez até uma rã.

Ao invés, encontrei algo muito mais empolgante — um coelho castanho-claro sentado nas lâminas frescas de relva. Tinha orelhas longas e aveludadas e um narizinho cor-de-rosa farejador. Eu ia apanhá-lo e provocar uma enorme inveja ao Darwin e ao Moby.

Mas a paciência sempre foi um dos meus pontos fracos. Quando fui atrás do coelho, os galhos começaram a quebrar-se sob o peso dos meus pés e ele fugiu, aos saltos pelo campo. Persegui-o até à sebe de cedros que limitava a propriedade vizinha. O coelho não sabia o que eu tinha feito. A mulher que morava na Casa Grande ao nosso lado era uma bruxa. E as bruxas usavam coelhos para todo o tipo de serventias. Eu tinha de o salvar.

Segui o denso muro de árvores perenes até chegar a uma abertura com largura suficiente para eu passar. Espreitei por entres os ramos e ofeguei quando vi do outro lado um par de olhos azul-escuros semicerrados na minha direção.

Eu nunca tinha visto aquele rapaz. Era pálido como a cal e tinha umas bochechas redondas e rosadas e as pestanas pretas. O cabelo estava cortado rente. Tinha sardas a pontilhar-lhe o pequeno nariz e era da minha altura. Não tinha nada por que ter medo.

— Olá, eu sou a Francesca. — Estendi a mão, como o meu pai me ensinou. — Mas podes tratar-me por Frankie.

O rapaz pestanejou e eu fiquei a pensar se ele iria desatar a fugir. Mas foi então que estendeu subitamente a mão e pegou na minha.

— Eu sou o George.

De mãos nas ancas, fiz-lhe uma inspeção minuciosa. Ele não tinha galochas nem impermeável, e as calças apresentavam um buraco no joelho. A única coisa que tinha para se manter quente era uma camisola de capuz com uma nódoa na manga.

— Estavas a espiar-me? — perguntei.

— Não. — Ele corou. — Bem, não há muito tempo.

— O que é que estás aqui a fazer? — A Casa Grande não era sítio para um miúdo, muito menos com um ar assim tão doce como o George. Ele haveria de precisar que o defendessem. Talvez até que o resgassem. Encaracolei os dedos dos pés só de pensar nessa emoção.

— Eu agora vivo aqui — disse ele, parecendo resignado.

Fiquei boquiaberta.

— Tu vives aqui? — Apontei para a imponente casa em pedra atrás dele. — Com a bruxa?

— Ela não é nenhuma bruxa. É a minha avó.

— Detesto ter de te dizer isto, George — disse eu, desfrutando do momento —, mas a tua avó é decididamente uma bruxa.

Como é que ele não sabia? Os jardins tinham a vegetação demasiado alta. A antiga estufa estava cheia de plantas para fazer poções. Ela raramente ia à rua e andava sempre toda vestida de preto. Além disso, o Darwin jurou que, certa noite, a tinha visto a entoar um cântico sobre uma grande panela a borbulhar, quando estava a espia-la.

— Não é nada — retorquiu o George.

Semicerrei os olhos.

— Prova-o — desafiei. — Leva-me lá dentro e, se não houver nenhum caldeirão nem caudas de lagarto ou olhos de tritão, eu acredito em ti.

— Não há lá nada dessas coisas. É só uma casa normal.

A minha desilusão foi imediata.

— Oh.

— Mas há um gato preto — acrescentou ele rapidamente. — Chama-se *Baryshnikov*.

— A sério?

— Sim, mas é só isso. Nunca vi nada digno de bruxa.

O George podia *pensar* que a Casa Grande era normal, mas certamente haveria segredos ocultos no interior, à espera de serem revelados.

— Podes mostrar-me?

— Queres entrar? — Dava para ver que ele não estava a acreditar, que achava que eu ia mudar de ideias.

— Sim! — disse eu. — Há *séculos* que estou à espera de que aconteça alguma coisa interessante.

— Eu não sou interessante. — O seu rubor desabrochou como bagas de verão.

— Eu é que decido se és ou não — respondi. — Por favor. Estou completamente desesperada por uma aventura.

Ele deu uma gargalhada — um som radioso e sonoro, como o estouro de uma pastilha elástica.

— Estás completamente desesperada por uma aventura? — perguntou ele.

— Sim — respondi. — Tu não?

Ele olhou para mim, considerando, e anuiu com a cabeça.

— Anda lá, então. Vem atrás de mim.

E assim fiz. Fui atrás do George para dentro da Casa Grande e nunca mais nada voltou a ser igual.

Para nenhum de nós.

A Mansão



Esta noite tudo brilha. Os ornamentados lustres de cristal com os seus pingentes reluzentes. Os fios de luzes pendurados nas árvores lá fora. Até eu.

Estou rodeada dos meus amigos familiares mais queridos, sentada como uma rainha no meio dos seus súbditos na elegante sala de jantar de uma histórica mansão de campo. A mesa à minha frente está posta com atoalhados de linho francês, talheres dourados e dezenas de velas votivas, cada uma delas contornada por um halo cintilante. Observo o seu reflexo tremeluzente nas jarras de latão repletas de peónias.

Tenho as pálpebras em tons dourados, madeixas recentes no meu cabelo cor de mel e um vestido de uma seda champanhe com a leveza de um merengue. Na mão esquerda ostento um colossal diamante amarelo-claro a que não tive tempo de me habituar. Estou tão polida como uma opala, mas sinto que não consigo respirar.

Nunca pensei que me fosse casar, mas aqui estou eu, a dois dias do meu segundo casamento.

Embora o primeiro não tenha contado.

Um pianista de smoking e gravata de laço está a tocar uma melodia calma no Steinway, mas, por um momento, tudo desaparece.

O tempo dá um salto e eu vejo-me naquele primeiro casamento debaixo da macieira.

Dissemos os nossos votos por baixo dos ramos, com frutas caídas a servirem de confetes aos nossos pés. O meu vestido: feito a partir de um corinado antigo, como se eu fosse uma miúda da família von Trapp. O meu bouquet: um ramo de violetas arrancadas do jardim, com os caules atados com cordel de cozinha. A camisola dele tinha uma nódoa do tamanho de uma dedada por causa do *crumble* de maçã e frutos silvestres da minha mãe — ele estava sempre a comer e a sujar-se todo. Lembro-me de ter observado aquela pequena mancha roxa antes de ele começar a falar.

Frankie, eu prometo...

Uma mão fria pousa no meu pulso.

— Frankie?

Pestanejo e volto ao momento presente. Sinto a estrutura de ganchos de cabelo a espetar-me o crânio enquanto segura a minha juba de leão numa elegante trança francesa. Sinto o sabor pegajoso a algodão-doce do meu *gloss* nos lábios. Sinto o olhar preocupado da minha dama de honor.

— Frankie? — repete a Aurora, semicerrando sobre mim os seus olhos maquilhados em tons de café. — Estás bem? — Os dedos dela parecem cinco estalactites minúsculas contra a minha pele. Posso jurar que ela é meio lagarto, está sempre gelada.

As suas tranças estão puxadas para um dos lados do rosto, uma cascata de negro que se transforma em roxo e depois em cor-de-rosa pastel. Os lábios estão pintados num tom semelhante ao do seu vestido de um só ombro. Tirando as tatuagens que lhe cobrem um dos braços, parece que foram as criaturas do bosque e a fada-madrinha que a ajudaram a vestir-se.

— Estou ótima — respondo. O meu olhar desvia-se para a cadeira vazia e o nó no meu estômago aperta-se. — Volto já.

Não espero pela resposta antes de me escapulir para o átrio. Encontro um recanto escuro por baixo da escadaria de mogno e ligo-lhe.

A chamada vai direta para o *voicemail*. Encosto a testa ao revestimento de parede em brocado e deixo mais uma mensagem.

— Sou eu. Outra vez. Da recepção disseram que ainda não fizeste o *check-in*. Por favor, diz-me que vens. Preciso de ti, George. Acho que não consigo fazer isto sem ti.

Fecho os olhos e inspiro profundamente, tentando afastar o meu pavor.

Regresso ao meu lugar — a Aurora e a namorada, Betty, num dos lados e o meu noivo no outro. Encosto-me ao Nate, apertando-lhe a mão enquanto ele me beija a face.

O jantar de seis pratos desta noite marca o início das festividades do nosso casamento, e eu quero divertir-me. Não será *divertir-me* ao nível do que faria no auge dos meus desenfreados 20 anos, mas *divertir-me* de um modo condizente com uma mulher responsável de 30 anos prestes a casar-se com um galardoado professor universitário de Matemática.

O Nate tem mais 16 anos do que eu, mas o seu espesso cabelo ruivo fá-lo parecer muito mais novo do que 46 anos. Tem olhos em tons espiralados de avelã e, embora tenha feito a barba para o casamento, costuma exibir uma barba de poucos dias. O seu sorriso é sincero e frequente. Esta noite, está vestido com um fato azul-escuro, mas é mais fácil imaginá-lo de *kilt*, a percorrer as Terras Altas escoce-sas, do que a dar palestras sobre a teoria da probabilidade.

Olho em redor da sala, evitando a cadeira vazia ao lado da avó do George, a Mimi. Nunca sonhei em ser uma noiva, mas, se tivesse sonhado, não teria imaginado um casamento tão elaborado. A Mansão Darlington e os seus terrenos estendem-se por quarenta hectares de floresta e prado a uma hora de Toronto. Nos próximos dias, os seus quartos mobilados com antiguidades, os jardins imaculadamente cuidados, o restaurante com uma estrela Michelin e os trilhos de caminhada com uma bela vista encontram-se à nossa disposição.

O Nate era um estudante de pós-graduação sem dinheiro quando se casou pela primeira vez — ele e a ex-namorada fizeram a cerimônia no registo civil e encontraram-se depois num *pub* com os amigos. A noiva estava de calças de ganga. Isso a mim parecia-me ótimo, mas o Nate queria fazer as coisas à grande. Celebrar. *Festejar*. Tinha dito esta última palavra erguendo a sobrancelha, sabendo exatamente como captar o meu interesse.

Eu dediquei-me a planear os menus com o *chef*, discutindo cada prato, provando cada amostra. Amanhã, quando chegarem mais convidados, haverá uma série de experiências por onde escolher, todas com boa comida como tema central. Vão poder apanhar cogumelos, alho-porro selvagem e brotos de samambaia com um coletor especialista, ou ir a cavalo até ao bosque para fazer um piquenique cozinhado numa fogueira a céu aberto. Haverá uma prova de vinhos na esplendorosa cave centenária da propriedade, acompanhada de queijos e conservas artesanais. Ao final da tarde, um grupo mais pequeno irá reunir-se para o ensaio da cerimónia, seguido de um jantar para todos os nossos amigos.

O pináculo será, claro está, a cerimónia de sábado e o copo-d'água. A nossa lista de convidados tem cento e vinte pessoas. O meu vestido custou o mesmo que um carro pequeno. Para a entrada da noiva, um quarteto de cordas ensaiou «Orchard House», o tema de abertura do *Mulherzinhas* de 1994, o melhor filme de todos os tempos. (Não aceitarei argumentos em contrário.)

Sempre me identifiquei com a Jo March. Sou teimosa, impetuosa e independente. Nunca quis um companheiro, até que passei a querer. Não sou particularmente vaidosa, a não ser no que toca ao meu cabelo. Antigamente, detestava aquela parte do filme em que a Jo recusa a proposta do Laurie, pois achava o professor Bhaer demasiado velho e aborrecido. Depois cresci e conheci o Nate.

Ele apanhou-me a observá-lo na fila do café. Eu tinha-me despedido há pouco tempo do meu emprego como *sous chef* num ataque de

fúria e *burnout* e estava há duas semanas no início de um processo de mudança de carreira e de uma rotina mais equilibrada quando o vi. O Nate abriu-me um sorriso e o resto do rosto acompanhou-o. Os cantos dos olhos. As linhas em torno da boca. Foi como assistir a um vídeo em *time-lapse* de uma flor a desabrochar. Ele meteu conversa, pediu-me o meu número e enviou-me uma mensagem passado uma hora.

Janta comigo no sábado.

Aquele ponto final a fechar a frase deixou-me encantada. Fiquei impressionada por ele ser tão direto e por demonstrar com tanta facilidade aquilo que queria. Não havia joguinhos. Não havia fingimento. Não havia más frases de engate. O Nate era um *homem*. E eu queria ser adulta.

A Aurora acha que a quantidade de vezes que eu já li e já vi o *Mulherzinhas* era uma espécie de indício. Estava finalmente pronta para uma relação séria, e o universo mandou-me um professor, tal como aconteceu com a Jo.

— Ele é capaz de ser o tal — disse a Aurora antes da nossa primeira saída. Ela é uma romântica incurável, mas tinha razão. Seis meses depois, o Nate pediu-me em casamento e eu mudei-me para a moradia dele em Seaton Village.

Um empregado com um colete preto coloca à minha frente um prato com debrum dourado. Nele estão três *ravioli* recheados com sapateira. Empurro-os com o garfo enquanto ouço distraidamente as conversas sobrepostas. O Nate está a falar do seu próximo triatlo, a Aurora e a Betty riem-se de alguma coisa que a Mimi disse, e a minha mãe está à conversa com a minha futura sogra acerca da nossa lua de mel.

Eu e o Nate vamos ficar algumas noites na mansão depois da boda, mas a verdadeira viagem será em julho. Reservámos uma semana

num resort em Tofino, um paraíso de praia de floresta tropical remoto na periferia da ilha de Vancouver. A nossa *villa* fica mesmo no mar.

A minha mãe apanha-me a olhar especada e uma expressão de preocupação cruza-lhe o rosto. O meu sorriso desapareceu. Volto a exibi-lo, na esperança de que ela confunda o brilho de suor na minha pele com um esplendor pré-nupcial. A Aurora fala com a mãe dela sobre tudo, mas eu não faço as mesmas confidências à minha. A minha mãe não faz ideia de que o meu melhor amigo de toda a vida poderá não aparecer. Ela adora o George, e o sentimento é mútuo. A minha relação com ela é mais complicada.

Ela deixou a nossa família durante um ano e meio quando eu tinha 8 anos. Os meus irmãos conseguiram perdoar e esquecer, mas eu tive sempre dificuldades em conciliar a mulher que se foi embora com aquela que regressou. Eu tinha mudado durante a ausência dela, mas ela tinha mudado ainda mais.

— Estás estranha — diz a Aurora, enquanto eu envio mais uma mensagem ao George por baixo da mesa.

Disseste que fazias isto. Prometestes que ias ser o meu padrinho.

Entalo o telemóvel debaixo da coxa.

— Estou?

— Quase nem comeste. — Ela olha de forma intencional para o meu prato intocado.

Já não trabalho como *chef*, mas continuo a adorar comida. De todas as maneiras. Adoro falar sobre comida. Fazer compras de comida. Prepará-la. E, acima de tudo, adoro comer.

Mas estou demasiado nervosa para dar mais do que uma garfada no *ravioli*. E se o George tiver mudado de ideias?

Nos últimos anos, ele tem-se afastado de mim. Não o vejo desde a discussão que tivemos no campo atrás da casa dos meus pais no Natal, mas nunca pensei que ele me fosse excluir por completo.

— Estás sempre a olhar para o telemóvel — diz a Aurora.

— Não estou nada.

Em resposta, ela lança-me o seu olhar. Ao contrário de mim, a Aurora não gosta nada de argumentar, mas, em compensação, tem aquele olhar. Sobrancelhas erguidas. Lábios cerrados numa linha plana. É a sua maneira de me chamar à atenção sem o fazer.

Obrigo-me a dar uma garfada.

— Melhor assim? — pergunto, de boca cheia.

Ela sorri.

— Uma postura muito de noiva.

Deito a língua de fora no mesmo momento em que a mãe do Nate nos fita de olhos semicerrados. Ela não gosta de mim, e eu não posso censurá-la por ser cautelosa, uma vez que eu e o Nate nos conhecemos apenas há um ano. Mas eu *hei de conseguir* conquistá-la.

— Estás outra vez a fazer o mesmo — diz a Aurora, enquanto eu remexo a comida no prato.

— A fazer o quê?

— A não comer. — Ela olha de relance para toda a sala. — Ele não está só atrasado, pois não?

Foi isso que eu disse a toda a gente, que o George tinha apanhado trânsito à vinda do aeroporto. Perguntei por ele à Mimi, mas ela também não tinha notícias.

Abano a cabeça, sentindo um ardor no estômago.

— Não seria o fim do mundo se ele não viesse, pois não? — pergunta a Aurora.

Tento rir-me do falso otimismo na voz dela, mas o riso fica-me preso na garganta como se fosse uma pastilha elástica demasiado mastigada. Durante vinte e dois anos, o George sempre estivera presente nos momentos mais importantes. A Aurora aperta-me a mão e, embora ela tenha os dedos gelados, eu seguro-a bem.

— Estás prestes a começar um novo capítulo da tua vida. Se ele decidir que não quer fazer parte disso, quem perde é ele.

Sinto o interior dos olhos a arder e olho para os lustres para impedir as lágrimas. O George é o meu melhor amigo. Eu quero-o em todos os capítulos.

Quando o meu telemóvel vibra, estou tão certa de que será ele que o vislumbre do nome do meu irmão no ecrã parece uma bigorna no meu peito.

Moby: Estás com ar de quem vai vomitar. Não é tarde demais para cancelar isto tudo.

Escondo o ecrã, para que o Nate não apanhe a mensagem, e lanço um olhar furioso ao Moby, do outro lado da mesa. Ele e o Darwin já tentaram demover-me do casamento. Encenaram uma intervenção atabalhoada durante o pequeno-almoço na manhã seguinte à minha despedida de solteira.

Tu nunca tiveste sequer um namorado a sério. Qual é a pressa?

Mas o Moby tem razão acerca de uma coisa: eu estou capaz de vomitar.

— Preciso de ir à casa de banho — digo à Aurora.

E é então que o vejo.

O George está parado sob o arco da entrada. Por um instante, pergunto-me se a minha mente estará a pregar-me partidas. Mas não.

O meu melhor amigo já chegou e vai tudo correr bem.

Ele está surpreendentemente impecável, vestido com um casaco preto e uma camisa branca, ambos imaculados, mas o seu cabelo castanho é uma confusão pegada. Como de costume, está a precisar desesperadamente de um corte, pois as ondas escuras descaem-lhe sobre a testa e enrolam-se à volta das orelhas.

Em tempos, a Aurora chamou ao George um Clark Kent da vida real, o que me pareceu um bocadinho excessivo, embora ele seja alto e atraente. E é também um repórter de óculos que gosta de fazer o bem, não tem qualquer sentido de autopreservação, e tem um maxilar que algumas pessoas poderiam descrever como bem definido. Os óculos são quase quadrados, e ele já os usa, ou outros parecidos com estes, desde os tempos da faculdade de Jornalismo. Juro que ele foi comprar exatamente as mesmas armações que um ator que fizesse de repórter na TV usaria. Fiz troça dele, naturalmente.

O George olha em volta da sala com uma expressão inescrutável. Quando os seus olhos encontram os meus, levanto-me tão depressa que faço tombar a cadeira.

Por um momento, olhamos um para o outro, mas depois um sorriso abre-se no seu rosto. É um ligeiro puxão de lábios, algo em que outra pessoa qualquer não iria reparar. Desato a correr pela sala, não fazendo caso da postura de noiva, e lanço os braços à volta da cintura dele. Não costumamos abraçar-nos assim, por isso ele fica tenso antes de eu sentir que descontrai. Os seus braços envolvem-me as costas, com o peito a subir numa longa inalação. Fecho os olhos por um instante. Pela primeira vez esta noite, consigo respirar.

— Chegaste — digo eu, chegando-me para trás para conseguir erguer o olhar para ele. O meu sorriso aberto pode tornar-se permanente.

O George observa-me com uns olhos azul-escuros que me são mais familiares do que os meus.

— Cheguei.

— Eu liguei-te. Deixei mensagens. Estava preocupada.

— Desculpa. O meu telemóvel morreu algures por cima do Atlântico. — Vejo-lhe o movimento da garganta ao engolir em seco.

— Escuta, podemos falar?

— George — diz o Nate, pondo-se ao meu lado. O meu noivo coloca o braço à volta da minha cintura e estende a mão.

O Nate conquista as pessoas com o seu sorriso e a sua estranha capacidade de se recordar dos mais ínfimos pormenores de conversas anteriores. É confiante, amável e respeitado, tanto pelos colegas como pelos alunos. É imensamente agradável.

Para toda a gente menos para o George.

Embora eu sinta que o tempo e a distância têm interferido na nossa amizade, ninguém me conhece melhor do que o George. E eu também o conheço a ele.

Eu segurei-lhe na mão enquanto um médico o cozia com oito pontos no flanco quando éramos miúdos.

Estive sentada ao lado dele no chão do nosso apartamento enquanto ele chorava convulsivamente, dando-lhe o abraço mais apertado que consegui.

Fui a pessoa a quem o George ligou na noite em que pensou que ia morrer.

Tenho o nome dele tatuado nas costelas, tal como o meu está tatuado nas dele.

Por isso, sei que, quando o George olha para o meu noivo e o seu olho direito produz um tremor quase impercetível, é porque não gosta dele. O sorriso dele é um indício — o leve esgar a disfarçar os seus verdadeiros sentimentos. Quando o George lhe aperta a mão e diz ao Nate que é um prazer vê-lo, eu sei que não está a ser genuíno, mas isso não me importa. Porque o George está aqui e vai fingir que gosta do Nate. Ele vai fazê-lo por mim. Tenho a certeza de que os próximos dias irão fazê-lo mudar de opinião em relação ao Nate. Quando passar mais tempo com ele, vai adorá-lo, como toda a gente o adora.

— Estamos tão contentes que aqui estejas — diz o Nate com sinceridade. Ele não se deixa levar pelo ciúme e acreditou em mim quando lhe disse que eu e o George não temos nenhum passado romântico. Tal como acontece em qualquer relação de décadas, já houve muito drama. Mas nada de beijos.

Se não contarmos com aquela única vez.

(Eu não conto.)

Nós faríamos um casal terrível. Somos o Laurie e a Jo, demasiado parecidos e demasiado impulsivos para nos moldarmos àquilo de que uma relação precisa.

— Sou o padrinho da Frankie — responde simplesmente o George. — Nada na vida me faria perder isto.

Antes que pudéssemos dizer mais alguma coisa, o George vê-se rodeado pelos Gardiners. A Mimi observa a partir da mesa, rindo-se da disputa. O George está a receber abraços do Darwin e do Moby, e depois dos meus pais. Há uma forte parecença familiar. Somos todos louros, e eu tenho os estranhos olhos azul-púrpura da minha mãe. O Darwin e o meu pai são tão parecidos que é quase cómico

— um metro e oitenta e dois de altura, peito largo, desconfortáveis em roupa formal. Até trabalham lado a lado no negócio de marcenaria da família. O Moby tem a mesma altura, mas quanto ao resto não podia ser mais diferente. Vive em Otava e trabalha como engenheiro de cibersegurança. Tem 32 anos, mas age como se fosse um adolescente. Esta noite traz vestida uma t-shirt com um desenho a imitar um smoking.

O George sempre foi tratado como família. É o filho preferido da minha mãe. É o Darwin que acaba por libertá-lo dela.

— Deixa-o respirar um bocado, mãe — diz ele, avançando depois para enganchiar um cotovelo à volta do pescoço do George. — Ele não tem força suficiente para te segurar eternamente.

— Ora, ora — diz o Moby, apertando os bíceps ao George. — Parece que o Georginho tem andado a encher.

O George parece efetivamente mais cheio do que estava em dezembro, mas pode ser do fato. Os homens da família Gardiner são altos, mas o George ainda consegue ganhar-lhes. Quando tínhamos 13 anos, ele foi viver com o pai durante sete meses em Montreal, e, quando voltou, já estava mais alto do que o Moby, com 15 anos, e já quase tinha apanhado o Darwin, que tinha 17. O súbito salto em altura fizera-o deixar de ser um miúdo robusto com cara de bebé para passar a ser um rapaz magrinho de quase 14 anos com pernas compridas e uma voz grossa que não parecia encaixar bem nele.

— Estás com um ar cansado — diz-lhe a minha mãe. Ela preocupa-se com o George, com a quantidade de viagens que faz e se está a descansar o suficiente. Estende a mão para lhe tirar um caracol de cabelo da testa. Uma causa perdida. — Mas melhor do que estavas no mês passado.

— Foste a casa? — Ele não me disse. Houve uma época em que eu e o George passávamos todo o tempo juntos e eu sabia sempre onde ele estava.

— Foi uma visita rápida — diz o George. — Menos de trinta e seis horas.

O George é jornalista ambiental e passou a maior parte da década dos seus 20 anos a fazer relatos de todos os cantos do país. Mas, nos últimos três anos, tem viajado para tão mais longe e de forma tão regular que eu raramente o vejo. Fazemos anos com quatro dias de diferença e tentamos festejar juntos, mas por vezes não é exequível. No ano passado, ele estava no Brasil, a fazer pesquisa para um artigo sobre a deflorestação da savana do Cerrado. Comprou um apartamento em Toronto para lhe servir de base, mas este está habitualmente ocupado por um grupo rotativo de arrendatários de curta duração.

— Eu teria lá ido — digo eu. Fica apenas a duas horas de carro desde o centro da cidade. — Devias ter-me dito.

O George olha para mim daquela sua maneira direta e onnisciente. Tem os óculos manchados. Estão *sempre* manchados. Obrigo-me a não lhos tirar do nariz para os limpar, como costume fazer.

— Deixa-o em paz. Frankie — diz o Darwin. — Ele ainda nem está neste fuso horário.

O George acabou de vir de uma conferência sobre alterações climáticas em Bolonha.

— Deixa-os barafustar — diz o Moby. — É sempre bom para nos entreter. Já se passaram meses desde o confronto no Natal.

O Nate franze o sobrolho, ou pelo menos a metade cimeira do seu rosto. A boca mantém-se aberta num sorriso, apesar de ser um sorriso confuso.

— Qual confronto?

— Não foi nada — respondo, olhando para o George. — Já nem me lembro porque é que estávamos a discutir.

Ele mal se encolhe.

— Não foi nada, *não*. Estávamos outra vez à bulha por causa do recheio. Tu querias fazer outro, como sempre. Mas toda a gente gosta do recheio antigo. Era o quê desta vez? Broa de milho e noz pecã?

É verdade. Eu tento mesmo convencer as famílias Gardiner e Saint James a fazer mudanças durante as festas, mas não foi por isso que discutimos. Ninguém corrige a mentira.

— Já sabes como eles são — diz a minha mãe ao Nate.

O Nate inclina a cabeça e olha de relance para mim, porque não, ele não sabe como eu e o George somos. Não propriamente. Eu já tentei explicar, claro está. Mas a nossa história está tão interligada, que já é impossível ganhar distância suficiente para olhar para a nossa amizade com clareza, quanto mais explicá-la. O George faz parte de mim, não se separa de mim.

Desde o dia em que nos conhecemos, aos 8 anos de idade, fomos sempre inseparáveis. Nessa altura, eu sentia-me protetora em relação a ele, o miúdo novo tímido e estrábico que parecia ter medo de toda a gente menos de mim. O meu pai começou a chamar ao George a minha costela em falta. Tipo: «Onde está a tua costela?» ou «Como está a tua costela? Não a vejo desde esta manhã.»

Depois, o George passou a usar óculos e deixou de franzir os olhos. Ficou mais alto e mais ousado. Tornou-se atraente e popular. Continuava a ser o meu parceiro no crime, mas já não precisava da minha proteção.

Quando terminámos o secundário, mudámo-nos para Toronto juntos e partilhámos um apartamento. O George estudou Jornalismo e eu fui para a escola de culinária. Éramos dois foguetes gémeos, dando propulsão um ao outro enquanto perseguíamos os nossos próprios sonhos. Até que o George se mudou para a outra ponta do país por causa de trabalho, deixando-me sem chão. Cada avanço na carreira do George levou-o para cada vez mais longe, mas nós mantivemos a nossa amizade através de uma interminável corrente de mensagens e e-mails. Há três anos, o George passou meses a cobrir os incêndios florestais que aniquilaram grande parte do nosso país. Quando regressou, tudo estava diferente.

— George, anda sentar-te — diz o meu pai. — Deves estar a morrer de fome. Como foi o teu voo?

Observo o George a dobrar-se para dar um beijo à Mimi, que lhe sussurra qualquer coisa ao ouvido, antes de ele ser absorvido pela minha família do mesmo modo que aconteceu quando ele se mudou para a porta ao lado. Parecia um gato vadio. Estava sempre a aparecer lá em casa. Nós alimentávamo-lo. Ele ficava por lá. Ajudou-nos tanto a mantermo-nos juntos como nós o ajudámos a ele.

Eu e o Nate ocupamos os nossos lugares. A Aurora serve-me um copo de água e passa-me o cesto do pão.

— Come.

Nem um esfregão de arame conseguiria apagar o sorriso do meu rosto. Agora que o George tinha chegado, tudo estava perfeito.

Emborco duas flutes de Crémant de rajada e sinto o corpo a descontrair. Estou completamente aliviada.

O George tem ao colo a Birdie, a minha sobrinha de 3 anos. Estão a pintar uma página do livro de colorir dela. O Darwin e a mulher dele, a Anh, parecem gratos pela pausa. A minha mãe está a encher o George de perguntas acerca da conferência sobre as alterações climáticas enquanto o meu pai ouve. É um homem de poucas palavras e infinita compaixão.

O George já se livrou da gravata. A qualquer instante, irá desabotoar o botão de cima. Quando entrou, estava com um ar respeitável, mas ele não consegue manter-se composto durante muito tempo. E também não consegue estar sentado e quieto. A menos que esteja perdido em pensamentos, o George está sempre em movimento. Às vezes acho que ele se mexe tanto porque o corpo precisa de queimar o que se está a passar na sua cabeça.

Quando os seus olhos encontram os meus durante a sobremesa, eu ergo a mão e estico os dedos.

Cinco minutos?, murmuro. *Lá fora?*

Ele assente com a cabeça.

Sou puxada para a pista de dança com o Nate. Ele tinha pedido ao pianista que passasse para versões de pop com um ritmo mais jazz. Nós tínhamos estado a ter aulas de dança para nos prepararmos para a festa de casamento, embora eu já soubesse dançar a valsa, o tango e o *foxtrot*. A Mimi ensinou-me a mim e ao George as danças de salão. Como tutora, ela não era muito exigente, mas, enquanto antiga bailarina, a Mimi era intransigente e quis que o George aprendesse a conduzir uma parceira na pista de dança. Durante anos, essa parceira fui eu.

O George tinha um talento natural, enquanto eu estava sempre a tentar conduzir. A Mimi obrigava-me a dançar de olhos fechados, para que não tivesse outra alternativa senão segui-lo.

Em frente, para o lado, juntos.

Francesca, tens a graciosidade de um rinoceronte.

Um, dois, três.

A Mimi e o Nate eram as únicas pessoas que me tratavam por Francesca. Nunca corrigi a Mimi porque ela mete um bocadinho de medo, e o Nate tem direito a ficar isento porque diz que eu sou bonita demais para me chamar Frankie.

O meu noivo não dança com naturalidade e, apesar das aulas, ainda não encontrámos o nosso ritmo. Ele pisa-me os dedos dos pés cinco vezes durante a dança, mas eu não me importo. Quando olho de relance para o George, ele ostenta um sorriso presunçoso.

Rinoceronte. Ele murmura a palavra na minha direção e eu rio-me tanto que até me caem as lágrimas dos olhos.

Mais cinco minutos?, murmuro eu, e ele assente com a cabeça.



Perco a noção do tempo. Doem-me as bochechas de tanto sorrir. Está toda a gente na pista de dança — até a Birdie, que está quase a dormir nos braços do George. O pianista termina a sua atuação e o Moby consagra-se a si próprio DJ de Bluetooth. É então que os pais e avós começam a pedir licença para sair. A Anh leva a Birdie para a cama e o Darwin vai buscar copos grandes de whisky, enquanto o Moby distribui gomas de cânabis. A Aurora e a Betty estão a alinhar *shots* de tequila. Sinto alguma preocupação por estarmos a subir a intensidade da festa duas noites antes, mas nessa altura o Nate dá-me um beijo lamechas com um sorriso lamechas.

— Eu amo-te — diz ele. — Fazes-me tão feliz.

Decido descalçar os saltos altos.

Consigo roubar a Aurora da namorada e dançamos como se andássemos no 8.º ano, deslizando com as minhas mãos nos ombros dela e as dela na minha cintura.

Somos amigas há cinco anos, desde a noite em que, por impulso, eu apareci no estúdio de tatuagens dela e ela me disse para voltar quando tivesse feito uma marcação. Na manhã seguinte, percorri o *feed* do Instagram dela, impressionada com o nível de pormenor do seu trabalho. Ela consegue fazer tudo, mas é conhecida pelas flores e animais hiper-realistas. Os colibris são espantosos. Li uma entrevista que ela deu sobre o facto de ser uma artista negra e de se ter dedicado a ensinar os outros as técnicas adequadas para tatuar em tons de pele mais escuros. A forma como ela falou do seu trabalho — com tanta dedicação — fez-me lembrar o George. Fiz uma marcação para a minha segunda tatuagem e saí de lá com um belo labirinto tatuado no ombro e uma nova amiga.

— Adoro ver-te assim — diz ela.

— Assim como?

— Mais alegre. Assim que o George apareceu, tu ganhaste vida.

— É o meu melhor amigo — respondi, encolhendo os ombros.

Passados alguns momentos, o homem em causa interrompe-nos, dando uma palmadinha no ombro da Aurora.

— Vou roubá-la por um minuto — diz o George.

Ela lança-lhe um olhar que parece de incentivo e ameaça em simultâneo. Ela sabe da discussão.

O George inclina o queixo mostrando entendimento e a Aurora deixa-nos para ir juntar-se à Betty no círculo de dançarinos.

Virado para mim, o George levanta a palma da mão esquerda.

— Já lá vai muito tempo — digo eu, pousando a minha mão na dele e levantando o meu outro braço, a posição de início para uma valsa.

— Não te preocupes. Ainda não perdi o jeito. — Coloca a mão por baixo da minha omoplata.

E assim, de um momento para o outro, o George conduz-me pela sala. E sim, ainda não perdeu o jeito.

— Exibicionistas — grita o Moby.

Sorrio para o George, mas ele olha-me de forma estranha, com os olhos a percorrerem-me todo o rosto.

— Tenho alguma coisa nos dentes?

— Não. — Ele aclara a garganta. — Pareces diferente.

Foi a Aurora que me maquilhou. Conseguiu realçar o violeta dos meus olhos e dar à minha grande boca um ar sensual, em vez de um ar de palhaça.

— Fizeram-me os contornos — digo-lhe eu.

— Não sei o que isso é.

— Considera-te um felizardo.

— O vestido é... — O George parece estar com dificuldades em dizer algo simpático. É um vestido fluido simples com um decote profundo.

— Diz só que estou bem — instruo.

— Estás mesmo — diz ele, mantendo os olhos nos meus. — Estás linda, Frankie.

Rio-me da tensão na sua voz. Nunca teve jeito para elogiar a minha aparência.

— E pareces feliz — acrescenta.

— E estou — respondo-lhe. — Acho que nunca me senti tão feliz.

Piso-lhe os dedos dos pés. O George pressiona a mão com suavidade nas minhas costas, lembrando-me de que me tenho esquecido de o deixar conduzir. Portanto, durante o resto da música, danço de olhos fechados, como a Mimi me ensinou. Tudo se afunila para a música e para o movimento, para a pressão do toque do George. É a única altura em que entrego o controlo a outra pessoa, e a sensação é de completa libertação. É uma sensação que nunca encontrei em mais lado nenhum e que não sentia há anos, desde que eu e o George dançámos no casamento do Darwin.

Quando a música muda, eu abro os olhos.

— Tinha saudades disto — digo.

— Eu também. — A voz dele é áspera.

Há alturas em que ainda consigo ver o miúdo perdido que conheci há tanto tempo, mas neste momento não há vestígios dele. O rosto de anjinho do George foi substituído por ângulos duros e uma sombra escura. Está seguro de si próprio. O Nate tem um tipo de energia de guarda-florestal competente. Mas a confiança do George é, de algum modo, não só mais tranquila como totalmente inegável.

Nunca me esquecerei dele aos 8 anos, com aquelas bochechas rosadas e os olhos azuis a fitarem-me através da sebe de cedros. Nessa altura, eu não conhecia a história do George, mas, de alguma forma, sabia que ele precisava de mim. Tal como sei que agora se passa algo de errado.

— O que é que se passa? — pergunto, de mãos ainda unidas enquanto nos movemos pela sala.

A boca dele curva-se de modo irónico.

— Nada. Se bem que comer aquela goma é capaz de ter sido insensato.

— Coisa de amator. É má ideia ingerir seja o que for que tenha saído do bolso do Moby.

— Ele disse-me que era levezinha.

— Estamos a falar da mesma pessoa que te convenceu a fumar um charro inteiro da primeira vez que apanhaste uma moca.

Tínhamos 14 anos. Eu dei uma passa, mas acho que o George queria impressionar o Moby. Passados minutos, ele estava a voar. O Moby achou aquilo hilariante, mas eu é que tive de levar o George às escondidas da Mimi até ao quarto, onde ele foi alternando ataques de riso com discursos sinceros acerca da nossa amizade. Até teria sido querido, se não tivesse durado *horas*.

Um sorriso curva-lhe o canto da boca.

— Tens razão. Eu já devia estar à espera.

Olhamos em torno da sala. O Moby está a puxar o Nate para um concurso de *break dance* e o meu noivo está a espanar os ombros com um sorriso. O Nate vai fazer figura de parvo, mas não se vai importar. Adoro isso nele. Ele é uma pessoa séria, mas não se leva demasiado a sério.

— Como está a Chiara? — pergunto, virando-me para o George.

A sua atual namorada (uma palavra forte, dada a rapidez com que vai mudando) é uma intérprete que ele conheceu em São Paulo.

— Lara — corrige ele.

— Desculpa — digo, encolhendo-me.

O George não fala muito das mulheres com quem dorme e não há vestígios delas nas suas redes sociais. Aí só há fiordes panorâmicos, plantas tropicais raras e marsupiais adoráveis. E, se percorrermos o *feed* suficientemente para trás, paredes de fogo e florestas transformadas em cinzas.

Mas eu vivi quatro anos com ele e sei que ele se envolve com muitas. O George é sempre direto em relação àquilo que procura e ao

que pode oferecer. Como viaja muito, o mais certo é ser apenas uma noite ou duas. Mas há algumas mulheres com quem está sempre que se encontra numa determinada cidade. A advogada dos direitos humanos em Londres. A piloto em Vancouver.

As «namoradas» — parceiras com exclusividade — são raras. Por isso, eu devia lembrar-me da Lara. Ele levou-a a um jantar que eu dei na casa do Nate. Mas eu estava demasiado focada no George, pois era a segunda vez que ele estava com o Nate.

— Como está a *Lara*? — pergunto.

— O artigo que ela escreveu sobre os rinocerontes com pintas da Namíbia em risco de extinção acabou de receber um prémio importante.

A Lara é jornalista? Merda. Eu não estava *mesmo* a prestar atenção.

— Uau — digo eu. — Dá-lhe os meus parabéns.

Ele solta uma gargalhada baixinha.

— Frankie, a Lara é intérprete.

— Eu sabia! — digo eu, abanando-lhe o ombro.

— E não existem rinocerontes com pintas.

— És um parvalhão.

— E eu e a Lara já não saímos juntos.

— Ah. Não me contaste — respondo, tentando não parecer magoada. — Como é que ela reagiu? — É sempre o George que causa os desgostos, nunca o que os sofre. Percebe-se porque é que é sempre ele o primeiro a abandonar o navio: a sua infância deixou-o com um medo do abandono profundamente enraizado. Não que eu possa falar muito.

Ele observa-me por um momento.

— Não reagiu bem. Mas já foi há uns dois meses. De certeza que já lhe passou.

Duvido.

— Ouvi dizer que a Avery Harper-Klyne está solteira — digo, provocando uma gargalhada ligeira no George. Nós andámos na escola

primária com a Avery e usamo-la como piada na nossa amizade. Coitada.

— Já todo o Hemisfério Norte sabe que a Avery está solteira — responde ele. Ela escreveu um tratado de dezanove parágrafos sobre o seu divórcio e partilhou-o em múltiplas plataformas.

Quando eu sorrio, o George sorri-me de volta, e a sensação que tenho é a de que estou a ouvir uma melodia que me é familiar. Mas depois o seu sorriso falha-lhe.

— Passa-se *mesmo* alguma coisa. Conta-me.

— Tu vais-te casar — diz ele.

— E só percebeste isso agora? — riposto, franzindo o sobrolho.

— Acho que só agora é que me está a cair a ficha.

Aperto-lhe a mão e ele abranda os passos.

— Não posso crer que aqui estamos — murmura ele. — Não parece que já passou tanto tempo desde que nos escondíamos no armário da biblioteca, a discutir acerca do que colocar no centro do nosso labirinto.

— Uma fonte — digo eu.

— Um jardim secreto — responde ele.

O debate é canónico.

O George observa-me com atenção.

— Estás feliz, Frankie? Verdadeiramente feliz?

O meu coração dá um salto e eu abro-lhe um sorriso.

— Estou, sim, George. Prometo.

Ele faz-me um ligeiro aceno de cabeça e eu percebo que ele confia na minha resposta. As promessas são importantes para nós.

— Trocas uma promessa por outra? — pergunto. É um jogo que costumávamos jogar. Eu já lhe dei uma e agora quero outra em troca.

— Claro — diz ele.

— Prometes-me que também estás feliz? — Ele está preocupado comigo, mas eu também estou preocupada com ele.

É nessa altura que o Nate nos interrompe. Eu olho para o George, à espera de uma resposta.

— Prometo — diz-me ele, dando em seguida um passo atrás.

Vejo-o a ir ao encontro dos meus irmãos e envolvo o pescoço do meu noivo com os braços.

— Eu amo-te — digo-lhe.

O Nate faz-me um sorriso apatetado.

— Eu amo-te, Francesca Gardiner. — Depois, inclina a cabeça para trás e grita. — Vamos casar-nos!

A sala irrompe em aplausos.

É a melhor noite da minha vida.

Oito horas depois, tudo se desmorona.

SERÁ UMA SEMANA NO PARAÍSO UM RECOMEÇO OU O FIM DE UMA AMIZADE DE ANOS?

Desde crianças que Frankie e George são os melhores amigos. Fervorosos, impulsivos e obstinados, viveram uma infância e juventude cheias de cumplicidades e construíram memórias incríveis. Mas quando Frankie anuncia que se vai casar, algo muda na dinâmica entre os dois.

Apesar de o ter convidado para ser seu padrinho, Frankie não está certa de que ele vá aparecer na boda. A discussão que tiveram da última vez que se viram deixou-a insegura em relação à sua amizade. Mas George não tenciona desiludir a amiga e marca presença na festa que antecede o casamento. Durante uma noite gloriosa, e rodeada por todos os seus entes queridos, Frankie sente que a sua vida não podia ser mais perfeita.

Tudo se desmorona na manhã seguinte, quando o noivo a abandona, deixando apenas um bilhete como explicação. Arrasada e confusa, Frankie volta para a casa dos pais, mas George tem outros planos para a ajudar a curar o desgosto amoroso: juntar-se a ela na viagem de lua de mel que já estava programada.

Para Frankie, uma semana de sonho em Tofino poderá fazer com que a relação entre eles volte ao que era. O que ela não sabe é que poderá ser também uma forma de desenterrar segredos e sentimentos com que nenhum dos dois saberá lidar.

A não
perder!



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller_editora
f topseller.ed
penguinlivros

ISBN: 978-989-596-087-3



9 789895 960873